

A arquitetura do Ubuntu e Suas Subjetividades no Alicerce da Construção da Humanidade

The architecture of Ubuntu and its Subjectivities at the Foundation of the Construction of Humanity

Regina Negreiros

Doutora em Ciências das Religiões - Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil
Pesquisadora do grupo Raízes (CNPq-UFPB), Brasil

Membra do Núcleo de Pesquisa em Religiões Africanas e Afro-brasileiras (CNPq-UFJF)
reginatrindadenegreiros@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0250-1277>

Dilaine Sampaio

Doutora em Ciência da Religião - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Brasil
Professora do Departamento de Ciências das Religiões - Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil
dicaufpb@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0122-1521>

Resumo: A filosofia africana do Ubuntu se apresenta como fundamental na construção das subjetividades humanas através das conexões que se estabelecem por meio da energia vital, na qual a humanidade se percebe plural, diversa, ancestral e biocêntrica. Essas características interligadas tornam visível a humanidade manifesta em uma práxis que guia o coletivo no sentido do equilíbrio cósmico. Partindo de uma cosmopercepção afrocentrada somada aos métodos bibliográficos e filosóficos, busca-se demonstrar que a humanidade, mesmo diante do colonialismo, pode se reinventar a partir da arquitetura do Ubuntu, na qual o coletivo, orientado pela ética da ancestralidade, pode construir uma rede de partilhas e pertencimentos, de modo que esse modelo de arquitetura se constitui como uma pedagogia que pode ensinar o mundo a viver coletivamente sua pluralidade, ressignificando o sentido de humanidade.

Palavras-chaves: Ubuntu; Ukama; Axé

Abstract: The African philosophy of Ubuntu presents itself as fundamental in the construction of human subjectivities through the connections that are established through vital energy, in which humanity perceives itself as plural, diverse, ancestral and biocentric. These interconnected characteristics make humanity visible in a praxis that guides the collective towards cosmic balance. Starting from an Afro-centered cosmoperception combined with bibliographic and philosophical methods, we seek to demonstrate that humanity, even in the face of colonialism, can reinvent itself based on the architecture of Ubuntu, in which the collective, guided by the ethics of ancestry, can build a network of sharing and belonging, so that this architectural model constitutes a pedagogy that can teach the world to collectively live its plurality, giving new meaning to the sense of humanity.

Keywords: Ubuntu; Ukama; Axe

Introdução

Longe das pradarias teóricas formadas pelas planícies ocidentais da filosofia legitimada pelo colonialismo eurocêntrico, há um saber sofisticado, complexo e plural: a filosofia africana do Ubuntu. Ela consiste em uma epistemologia, uma ontologia e uma ética que provê sólidos elementos com os quais se deve alicerçar a construção de uma humanidade pautada no coletivo, na ancestralidade e na biocentricidade¹. Esses elementos se conectam a outros e, todos juntos, conferem à Filosofia do Ubuntu um aspecto prático e essencial para a manutenção da harmonia e estabilidade da vida através do equilíbrio cósmico, cuja existência se dá por meio da energia vital, do axé que permeia e conecta tudo o que existe, inclusive os vivos, os mortos e os não-nascidos, bem como os humanos e não-humanos. De tal modo, a filosofia africana do Ubuntu tem um papel fundamental na construção das subjetividades humanas através das conexões que se estabelecem por meio da energia vital que cimenta uma arquitetura cujas características tornam visível a humanidade manifesta em uma práxis que guia o coletivo no sentido do equilíbrio cósmico através da vida em comunidade. De tal modo, o objetivo do texto é demonstrar que é possível à humanidade se reinventar e transformar o mundo em um lugar de partilhas, afetos e pertencimentos, criando um ambiente coletivo pautada na ética ancestral e pluriversal da arquitetura do Ubuntu.

É a partir dessa cosmopercepção² de mundo, de modo afrocentrado e orientado com base nos métodos bibliográficos e em uma análise filosófica, que se busca demonstrar que a humanidade, mesmo diante das atrocidades do colonialismo que repercutem até os dias atuais, pode se redescobrir a contar da arquitetura do Ubuntu, em que a diversidade, o afeto e o próprio coletivo podem ser desenvolvidos através de uma espiritualidade conduzida pela ética da ancestralidade, envolvendo os vivos, os mortos, os não-nascidos e ainda os humanos e não-humanos, constituindo-se como uma pedagogia que pode ensinar o mundo a viver coletivamente sua pluralidade de modo a ressignificar o sentido de humanidade.

¹ O termo deriva de biocentrismo que significa, segundo Kakozi (2018), uma ética baseada na preocupação com o outro e no respeito para com os animais não-humanos, estando sempre voltada para fortalecer, cuidar, gerar e transmitir a vida, respeitando todos os seres vivos, humanos e não humanos, e tratando os ancestrais como elo de ligação entre os vivos, os mortos e os que ainda não nasceram. É uma concepção, segundo o autor, oposta ao antropocentrismo, mas -em que todas as formas de vida são igualmente importantes.

² Segundo Oyèrónké Oyèwùmí (2021), o termo cosmopercepção é mais abrangente que apenas cosmovisão, pois traduz a pluralidade do pensamento africano incluindo a lógica da “concepção de mundos de diferentes grupos culturais” (Oyèwùmí, 2021: 3).

Para percorrer esse caminho e alcançar o objetivo, partiu-se, inicialmente, de leituras de cunho filosófico, outras de cunho histórico para costurar uma interlocução inicial entre autores, portanto, o método bibliográfico foi essencial para a análise vestibular que estabeleceu um diálogo interdisciplinar entre a Ciência da Religião e a Filosofia. No entanto, percebeu-se a insuficiência para a compreensão e interpretação de textos de autores ocidentais eurocentrados, por isso, recorreu-se a metodologia afrocentrada diante da necessidade de uma reorientação nas leituras e de uma melhor interpretação do que vem a ser a essência do Ubuntu no que se refere a sua arquitetura histórica, social e filosófica.

Cabe aqui ressaltar que a metodologia afrocentrada parte de uma “proposta epistemológica do lugar” (ASANTE, 2009: 93), sendo também uma perspectiva teórica e prática, sob o guarda-chuva de uma humanidade, “na medida em que visa a reorientar africanos e suas culturas de uma posição periférica para uma posição centrada, como ressalta Asante (2009), produzindo pesquisa, conhecimento e práticas” (ALVES; JESUS; SCHOLZ, 2015: 878). Maulana Karenga (2009) define a afrocentricidade como uma direção, uma metodologia e uma característica do pensamento e das práticas ancestrais africanas. O autor afroamericano partilha do pensamento de Asante (2009) ao compreender a afrocentricidade como uma metodologia fundamental para os povos africanos e para a cultura, filosofia e memória. Desse modo, parte-se de uma perspectiva filosófica afrocentrada para leitura crítica e interpretação dos textos que subsidiam a discussão em torno da filosofia africana do Ubuntu.

De forma um pouco mais aprofundada, para compreender melhor a temática e a reinvenção a partir de uma arquitetura Ubuntu, é interessante conhecer a etimologia, a origem do termo. A palavra Ubuntu de origem zulu e que, segundo Kakozi (2018), é a junção de duas outras palavras: ‘ubu’ e ‘ntu’ que conectam humanos entre si e entre humanos e não-humanos, constitui-se enquanto ontologia e epistemologia que conecta e relaciona pessoas com outras pessoas, com a natureza, a realidade e tudo que existe:

Trata-se de duas palavras em uma, a saber: “ubu” e “ntu”. A Primeira está associada a uma ontologia, aos fundamentos da realidade, e a segunda a uma epistemologia, à possibilidade de conhecer tudo que existe. Em uma primeira acepção, portanto, o ubuntu é uma ontologia e uma epistemologia, expressando o conjunto da realidade e de como podemos conhecê-la. Mas ele também significa a pessoa tomada em abstrato. A palavra “bantu” significa pessoa, mas quando queremos falar da pessoa de modo abstrato, usamos “ubuntu”, que nos leva a pensar a noção de humanidade, como conjunto das pessoas. Então, a primeira acepção de ubuntu é o conjunto da realidade, de tudo o que

existe e que pode ser conhecido, enquanto a segunda é o conjunto das pessoas, a humanidade. E os humanos vivem sempre relacionados como outras entidades cósmicas não humanas (KAKOZI, 2018).

Magobe Ramose (1999: 47) explica que Ubuntu é na realidade ubu-ntu, ou seja, “duas palavras em uma. Consiste no prefixo ubu – e na raiz ntu”, de tal modo, ubu orienta para um desdobramento do ntu, em que ubu assume a existência ontológica e ntu assume a forma concreta ou um modo de ser em contínuo desdobramento. De forma mais objetiva, Ubu é o gerúndio, o movimento enquanto ntu é a concretização, é o Ser³-sendo, o presente, pois, é “o Ntu que dá vida a Tudo o que existe. Na filosofia africana ancestral, tudo o que existe é movimento, interconexão, integração e interdependência entre os seres” (MALOMALO, 2019: 84). De tal modo, “Ubu” e “Ntu” se complementam e necessitam um do outro para a concretização da realidade do Ubuntu.

Ramose (1999) afirma ainda que, apesar da palavra parecer um duplo, ela é um uno e é inseparável, porque traz em si uma concepção fluida. A fluidez que segundo Ramose faz parte do Ubuntu, lembra Heráclito de Éfeso com sua teoria do “eterno fluir”, o “panta rhei”, que significa que tudo está em curso, que a única realidade é a transitoriedade, o que implica no Ser sendo. De tal maneira, Ubu se realiza no Ntu, por isso a dicotomia não cabe no Ubuntu, pois há unidade. Outro fator que Ramose (1999) traz e que remete a Heráclito no que se refere ao movimento e à unidade, é o fato de, apesar de o Ubuntu centrar-se no humano através de sua humanidade, no universo não há um centro, pois o Ser vindo-a-Ser denota a unidade, e sendo, ele já É! Eis o constante fluir. De tal modo, Ubuntu é verbo em movimento, é infinitivo e gerúndio.

Nas perspectivas supra mencionadas, fica evidente que a Filosofia do Ubuntu é constituída a partir do Ser-sendo no arcabouço da coletividade, do conjunto de pessoas que se relacionam entre si e se relacionam com tudo que Existe, humanos e não-humanos, em constante movimento, portanto, sua arquitetura tem profundas raízes, não homogêneas, dentro do coletivo, o que denota que ela é plural e diversa e, ao invés de longas planícies, temos no Ubuntu, longas cadeias de montanhas que formam a diversidade e as subjetividades de uma

³ A utilização da palavra “Ser” com letra inicial maiúscula se deve ao fato de sua ontologia, ao fundamento ontológico no que se refere a sua capacidade de Ser e Existir. Na filosofia do Ubuntu cada pessoa tem sua importância na coletividade, porque só é possível afirmar a existência do outro coletivamente, tendo em vista que não é possível Ser humano sozinho. A utilização, portanto, é uma afirmação da existência, uma ontologia imprescindível na vida comunitária. De tal modo, utiliza-se Ser e Existir para expressar categoricamente a existência objetiva e subjetiva de uma pessoa que É através de outras pessoas.

humanidade que É sendo, pois que a arquitetura do Ubuntu se estabelece no gerúndio da humanidade, de modo que ninguém é humano sozinho.

No entanto, para compreender essa humanidade, é necessário trazer o conceito de um outro termo africano, que está intrinsecamente relacionado ao Ubuntu: Ukama. Os dois conceitos são interconectados e interdependentes, além de serem essenciais na formação da arquitetura do ciclo do Ubuntu, tendo em vista que o seu ethos está diretamente conectado ao acolhimento fraterno e ancestral do Ukama, motivo pelo qual os termos são indissociáveis entre si. Nessa perspectiva, a relação estabelecida no guarda-chuva epistemológico dos dois conceitos não é de poder, não é de hierarquia, mas de coletividade, acolhimento e afetamento mútuo.

Ubuntu e Ukama dentro dessa arquitetura

Ukama significa, literalmente, “ordenhar”, expressando a ideia de fraternidade, comunhão, maternidade e irmandade, através da conexão entre as ‘pessoas que bebem do mesmo leite’, que se alimentam da mesma fonte, portanto, que se relacionam solidariamente entre si permitindo que flua no cosmos a energia vital que alimenta tudo que existe. Segundo Jean Bosco Kakozi (2018, n.p):

Ukama, um termo da língua xona (grupo de línguas africanas faladas nas províncias de Manica, Tete e Sofala de Moçambique, na metade norte do Zimbabwe e no leste da Zâmbia), é um conceito que vem do verbo “kama” que, em português, significa ordenhar, tirar o leite de uma vaca ou de uma cabra. Desse verbo saiu um substantivo que é “hama” e que significa uma pessoa que eu considero muito próxima. A ideia é que essa pessoa se alimentou do mesmo leite materno que eu. Há um vínculo afetivo muito forte aí. “Ukama” é a abstração de “kama” ou “hama”, expressando uma relação de irmandade, uma relação afetiva forte. (...) Ukama está conectado com Ubuntu, com a ideia de humanidade e de relação com os outros seres. Ukama traz para Ubuntu essa afetividade que é elevada também a outro patamar, que é a afetividade com a natureza. O “hama” nos liga com nossos ancestrais, que são muito importantes na cosmovisão africana. Nas religiões africanas, os ancestrais são uma figura central. Eles são a ligação entre os vivos, os mortos e os ainda não nascidos, sendo representados por totens não humanos. Pode ser um pássaro, uma árvore, são elementos da natureza. Nós também os consideramos como “hama”, como nossos irmãos que beberam o mesmo leite materno que nós.

Para o autor supra mencionado a Filosofia africana possui dois conceitos fundadores e indissociáveis, são eles: Ubuntu e Ukama. Ele relaciona o primeiro com ideia de humanidade e o

segundo com a ancestralidade e a irmandade. De tal modo, Ubuntu e Ukama são termos imanentes que, portanto, possuem uma relação intrínseca entre eles.

Gramaticalmente a palavra Ukama está relacionada à ideia de ordenhar, que por sua vez, se relaciona com extrair o leite das tetas do animal. No pensamento africano, no entanto, ordenhar é bem mais que isso: é afeto, pertencimento familiar, seja por consanguinidade ou não, constituindo-se, sobretudo, como um vínculo de profunda irmandade. Logo, Ukama não existe sem Ubuntu e vice-versa, ambos expressam humanidade e coletividade, solidariedade e empatia, de modo que Ubuntu é a partilha do leite ordenhado:

The most powerful way of concretising ukama is through sharing of material possessions. This relationality is further concretised in ubuntu because the main presumption in ubuntu is that the individual is indelibly embedded in the community, and can only flourish in ukama within the community. Ubuntu implies the inherent African appreciation de ukama⁴ (GRUCHY; KOOPMAN; STRIJBOS, 2008: 147).

Para Lesley Le Grange (2015: 12) Ukama “é uma articulação da solidariedade anamnésica”, estando ligada às reminiscências ancestrais e, portanto, estabelecendo-se como uma práxis a partir da espiritualidade e da religiosidade shona. Para o autor, a definição do termo “se estende aos laços com todas as pessoas, não apenas com as gerações do presente, mas também com as gerações do passado e do futuro” (LE GRANGE, 2015: 12), portanto, estende-se a toda ancestralidade e a uma espiritualidade comum que conecta passado, presente e futuro através dos vivos, mortos e não nascidos. Além disso, “ukama também significa a relação da humanidade com o mundo natural (biofísico) que é promovida através da ancestralidade totêmica” (LE GRANGE, 2015: 13) que atribui alma a todos os elementos da natureza, como animais e plantas. Ukama, portanto, apresenta aqui as suas características biocêntricas e toda sua relação com Ubuntu, com a humanidade. Essa relação pode ser visualizada como em um círculo⁵ no qual há um continuum movimento, sem início nem fim, porque há uma comunhão entre tudo que existe e converge entre si.

A partilha do alimento é um gesto de afeto, de acolhimento. Essa ação tem, sobretudo, uma força simbólica que confere pertencimento a aquele ou aquela que se acolhe e através do

⁴ A maneira mais poderosa de concretizar o ukama é através do compartilhamento de bens materiais. Essa relacionalidade é ainda mais concretizada no ubuntu, porque a principal presunção no ubuntu é que o indivíduo está indelevelmente inserido na comunidade e só pode florescer no ukama dentro da comunidade. Ubuntu implica a inerente apreciação africana de ukama (trad. Livre).

⁵ Cf.: Diagrama Arquitetura do Ciclo do Ubuntu – página 14

pertencimento a pessoa pode se reconhecer no mundo e se revelar, ver-se a si mesmo como parte de um coletivo e a partir dele, perceber a pluralidade, a diversidade das existências e a sua própria identidade sem medos, sem vergonhas de Ser e Existir. Partilhar a existência é um modo de fortalecer o Ubuntu e, portanto, fortalecer a humanidade através da alimentação da energia vital circulante, pois, Ubuntu é uma práxis relacionada a uma ética, aos deveres e obrigações morais com o coletivo. Uma pessoa que age de forma não generosa, não solidária ou não empática na comunidade, ou seja, que age de forma má, perde sua humanidade, pois “agir mal é perder seu ubuntu” (KAKOZI, 2019: 10). Por outro lado, agir com Ubuntu é estar acessível aos outros (VASCONCELOS, 2017), é Ser com o outro e através do outro, de modo que a partilha nos confere a humanidade e foi justamente essa humanidade que o colonialismo e o imperialismo buscaram, a todo custo, apagar para colonizar não apenas o território geográfico, mas, principalmente, as mentes e os espíritos através do silenciamento, da despersonalização e dos sistemáticos apagamentos epistemológicos, no entanto, a ancestralidade do Ubuntu não foi e não será apagada, porque coexiste com a própria humanidade, mas é necessário percebê-la, voltar-se para ela e redirecionar a existência a partir dela.

O Ser como não-ser

Para analisar a imposição colonial e suas tentativas de apagamentos, é importante compreender “A fundação do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser”, título da tese de doutorado em Filosofia da Educação de Sueli Carneiro⁶, na qual avalia os conceitos de dispositivo e biopoder de Michel Foucault (2010) para elucidar as relações raciais no Brasil. A partir dessa compreensão, a autora constrói a noção de dispositivo racialidade/biopoder que busca dar conta de dois processos: 1) produção social e cultural da eleição e da subordinação raciais; 2) produção de vitalismo e morte informados pela filiação racial. A articulação desses dois processos, segundo ela, resulta no epistemicídio, conceito que vai além da morte da episteme, do conhecimento, tendo em vista que não se refere às epistemologias dominantes, as eurocêntricas, mas apenas àquelas que são subalternizadas na tentativa de silenciar, anular, e invisibilizar saberes não-hegemônicos, como é o caso das epistemologias negras e indígenas.

⁶ Filósofa, escritora considerada uma das principais autoras do feminismo negro no Brasil e fundadora do Geledés — Instituto da Mulher Negra.

Carneiro (2017: 17) afirma: “Nós somos sobreviventes e somos testemunhas, porta-vozes dos que foram mortos e silenciados. Nós estamos aqui. A elite intelectual deste país, no começo do século 20, só tinha uma preocupação: quanto tempo levaria para esta mancha negra ser extinta”. Esse ainda é o desejo das elites dominantes, a elite política conservadora e reacionária que ainda vive seus dias de colonialidade. Mas houve e há uma resistência negra que vem reconstruindo o tecido social dessa estrutura colonial que tentou silenciar todo povo afro-diaspórico. A reconstrução que está remoldando o paradigma estabelecido pelo eurocentrismo se faz pela coletividade, pela ancestralidade do Ubuntu que o colonialismo não conseguiu apagar do DNA do povo negro em diáspora.

A autora ainda problematiza o contrato social cujo objetivo é manter o status quo das elites dominantes, conforme foi estabelecido pelo eurocentrismo hegemônico, branco e patriarcal. Nas tentativas de se rebelar do sistema, fatiam-se migalhas do bolo permitindo que se pense que a justiça social está sendo feita, mas as migalhas são mais uma forma do contrato social pactuado, no qual os negros são obrigados a seguir padrões que cerceiam seus direitos e sua existência, colocando-os numa posição de Não-Ser. Ou seja, o colonialismo ocidental, no desejo capital de escravizar e subjugar pessoas, buscou despersonalizá-las, estabelecendo o Ser como não-ser, apagando características vitais da sua humanidade, inclusive do próprio opressor que precisou se perder no caminho da humanidade para tentar apagar a do outro, perpetuando de modo “*ad eternum*” os processos de invisibilização e apagamento das contribuições culturais e sociais dos africanos em diáspora, negando-lhes a participação nos processos de construções culturais, sociais e acadêmicas ao longo da história, através da fundamentação do Ser como não-ser, deslegitimando as epistemologias africanas ou afro-diaspóricas e de outras populações cuja origem esteja fora das fronteiras eurocêntricas. Esse é um modo de dominação e de subalternização através do silenciamento e/ou apagamento que transforma as encruzilhadas epistemológicas em uma via de mão única: a do colonizador.

A alteridade e a empatia da vida coletiva também se perderam no caminho. Esse foi o processo do desequilíbrio cósmico no qual o axé, a energia vital que permeia tudo que existe, perdeu força. Como consequência, as pessoas perderam seu Ubuntu, tornando-se egoístas e individualistas. O destino escolhido por muitas pessoas nesse aspecto foi o do Ser como não-Ser, e na medida em que perdem seu Ubuntu, desumanizam-se, pois, conforme máxima zulu, *umuntu*

ngumuntu ngabantu, que significa que "uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas", eu só existo com a existência do outro Ser.

O colonialismo compreendeu isso e buscou despersonalizar individualmente para descaracterizar os coletivos e produzir os apagamentos, tirando a identidade de cada sujeito para situá-lo na categoria criada do não-Ser. Ele "operou em duas frentes, matou o corpo físico e, ao mesmo tempo, incutiu aos corpos que não morreram o desvio existencial" (SIMAS; RUFINO, 2018: 101). Esse método de dominação e opressão despersonalizou as pessoas e segue, até hoje, despersonalizando-as.

O processo colonial produziu violências em vários aspectos: político, social, físico, mental, intelectual e até espiritual. Todas essas dimensões juntas atuam de modo a anular as forças do colonizado, as possibilidades de insurgências, a identidade e a existência como Ser humano para controlar e implantar um novo modo de ser no mundo no qual sua existência subordinada passa à categoria de não-Ser. Esse modelo colonial segue, depois de implantado, assombrando a existência descolonizada que foi brutalmente açoitada durante décadas inteiras de assujeitamento e despersonalização.

Apesar do colonialismo, do imperialismo e do capitalismo; dos seguidos genocídios, etnocídios e tentativas de epistemicídio, o Ser triunfou sobre o não-Ser, e mesmo com as raízes identitárias abaladas diante dos processos sistemáticos e predatórios, houve e há resistência. Através da resistência se construíram as lutas anticoloniais que permitiram que o pensamento afro-diaspórico reestruturasse sua identidade e reerguesse a estrutura epistêmica da coletividade e das subjetividades em suas mais diversas formas (Mbembe, 2020), resgatando o Ser-sendo que se constrói nas lutas coletivas em busca do equilíbrio cósmico e das energias vitais que permeiam a existência através da arquitetura do ciclo do Ubuntu.

A arquitetura do ciclo do Ubuntu na construção e reconstrução do Ser

Na perspectiva filosófica africana o conceito de axé pode ser traduzido como uma energia vital que permeia e conecta tudo o que existe, inclusive os vivos, os mortos e os não-nascidos, assim como os humanos e não-humanos. Sendo uma energia vital, o axé confere a existência a algo ou alguém, seja ele material, espiritual ou ancestral. Sendo assim, somos todos conectados a

essa energia, com ela e por ela. Essa relação estabelecida através do axé mostra a importância de todos os seres, humanos e não-humanos, estarem em equilíbrio e em estado harmônico para o equilíbrio da vida como um todo, o equilíbrio do pluriverso no macrocosmo, pois somos parte de um macrocosmo interconectado e necessitamos estar abertos às várias manifestações, aspectos e possibilidades filosóficas da existência do Ser de forma solidária, fraterna e coletiva, fazendo circular a energia vital, alimentando-a e nos alimentando dela.

Antes de prosseguir, faz-se necessário explicar que, na perspectiva africana do Ubuntu, residem a pluralidade e a coletividade, portanto, não se concebem verdades absolutas nem um universo único, cabendo nele muitos mundos, a diversidade e a pluralidade de muitas cosmopercepções. O pluriverso, segundo Cadena e Blaser (2018 apud JESUS, 2021: 9), refere-se “à diversidade de saberes e experiências de um mundo que comporta vários mundos”. Magobe Ramose (2011: 5) afirma que “Ontologicamente, o Ser é a manifestação da multiplicidade e da diversidade dos entes. Essa é a pluriversalidade do ser, sempre presente. Para que essa condição existencial dos entes faça sentido, eles são identificados e determinados a partir de particularidades específicas. Assim, a particularidade assume uma posição primária a partir da qual o ser é concebido”. Ramose ainda afirma que, na perspectiva da pluriversalidade de ser, “a filosofia é a multiplicidade das filosofias particulares vividas num dado ponto do tempo. Excluir outras filosofias e negar seus estatutos simplesmente por conta de uma definição inerentemente particularista da filosofia como uma disciplina acadêmica significa anular a validade da particularidade como o ponto de partida da filosofia” (RAMOSE, 2011: 5). Pelo exposto, compreende-se que a utilização do termo é o mais adequado nesse contexto, pois o Ubuntu permeia a existência através da energia do axé de muitos elementos interconectados e presentes na pluralidade e nas subjetividades do pluriverso.

A energia circula de modo bem estruturado, possui um método que passa pela conexão de cada elemento que o configura, portanto, a energia circula dentro de um arcabouço cuja arquitetura tece as teias da própria vida. Dito de outro modo, essa relação pode ser interpretada como um Xirê que conecta elementos essenciais para a existência da coletividade no presente, no passado e no futuro, em todas as esferas da existência, através da energia vital que nos faz Existir.

Xirê é uma palavra yorubá que significa roda, ou dança, sendo utilizada para evocação dos Orixás (PARÉS, 2006). Nei Lopes (2011: 275) define o xirê como uma “Festa pública dos

candomblés, na qual se executam os cânticos invocatórios dos orixás. Por extensão, o termo designa também o conjunto ordenado de toques, cantigas e danças com os quais os orixás são invocados”. Rosa Júnior (2018) afirma que é um ritual público que se caracteriza como um fenômeno de trocas para a circulação do Axé sendo um rito circular. De tal modo, pode-se concluir que o xirê é um rito sagrado que envolve toque, canto e dança em formato de círculo para louvar os Orixás e manter a energia vital circulando. Nessa liturgia a ancestralidade, a coletividade, o biocentrismo e outros elementos se fazem presentes.

O xirê, no caso da arquitetura do Ubuntu, gira com cada um dos elementos. A energia circula entre eles. A ancestralidade e o biocentrismo são essenciais para a manutenção da gira, porque são partes indissociáveis do Ubuntu, conectando humanos, não-humanos, vivos, mortos e não-nascidos. O Xirê do Ubuntu se caracteriza, portanto, pela circularidade da própria existência, em que não há um elemento mais importante que o outro, e humanos e não-humanos se confraternizam coletivamente. Se entendermos isso, entenderemos nossa história e quem somos nós na gira. No entanto, não é possível perceber essas conexões, essas teias tecidas no Axé, se não houver um olhar afrocentrado, livre das dicotomias cartesianas que engessaram o pensamento ocidental.

O Ubuntu permeia as relações coletivas e está presente em diversas partes do continente africano e fora dele através da diáspora. O Xirê do Ubuntu envolve a vida, a natureza e tudo que nela há, portanto, tem um status também biocêntrico, tendo sua gênese em tempos imemoriais na nação Mãe de todas as Áfricas.

Para ilustrar essa questão biocêntrica e ancestral é importante reforçar que a energia vital não se limita apenas aos vivos, tendo em vista que a fonte dessa energia, desse Axé, é um Ser supremo, um Ancestral originário e único que

distribui essa força aos ancestrais e aos antepassados no mundo espiritual e, em seguida, no mundo dos vivos, respectivamente aos reis, chefes de aldeias, de linhagens, anciãos, pais, filhos, ao mundo animal, aos vegetais e minerais. Esses mundos encontram-se inteiramente interligados, de modo que, como numa teia de aranha, não se pode vibrar um único fio sem gerar movimento em todos os outros (DAIBERT, 2015: 14).

O diagrama da arquitetura do Ciclo do Ubuntu⁷ busca explicar como o Ubuntu faz girar a existência e é a própria existência. Representado com as cores vermelha – vida/sangue; marrom – terra e verde – natureza/vida/biocentrismo, através dele pode-se perceber que o Ubuntu se move coletivamente, dentro de uma corrente de espiritualidade sobre a qual se conecta o Axé, a energia vital que perpassa todo ciclo do Ubuntu. Essa conexão é fundamentada em uma práxis, uma ética que se movimenta na pluralidade, na qual estão presentes as subjetividades próprias do que é diverso e coletivo. No coletivo as subjetividades existem de modo ancestral e a oralidade que transmite os saberes ancestrais é fundamental para que a roda gire. A ancestralidade conecta o imanente e o transcendente, os vivos, os mortos e os não-nascidos, bem como todas as formas de vida. Essas categorias, por sua vez, têm o mesmo grau de importância na existência, porque todas, sem exceção, abastecem a nossa existência de humanidade, a humanidade que se movimenta no coletivo, perpetuando a existência do Ubuntu. É assim que todos bebem do mesmo leite e se alimentam da mesma humanidade, da mesma força vital que movendo as pessoas e todo o universo na mesma cosmopercepção na qual “o mundo é concebido como energia e não como matéria, de modo que a noção de força toma o lugar e se confunde com a noção de ser. Todo ser é por definição força, e não uma entidade estática” (DAIBERT, 2015: 14), portanto, tudo que existe, existe em movimento.

De tal modo, nessa perspectiva, o Ubuntu não pode ser considerado apenas um conceito, um signo ou um significado, pois se configura como uma grande engrenagem que move ancestralmente grupos, coletivos inteiros que, dentro de suas particularidades, abastecem-se coletivamente do Axé nesse grande Xirê da existência e abastecem o próprio Ubuntu. Portanto, a arquitetura do Ubuntu funciona tal qual um motor que gira em torno de si mesmo produzindo movimento e energia – o Axé - que permite que seus elementos geradores possam gravitar em torno de si, como uma grande órbita celeste, em um grande Xirê.

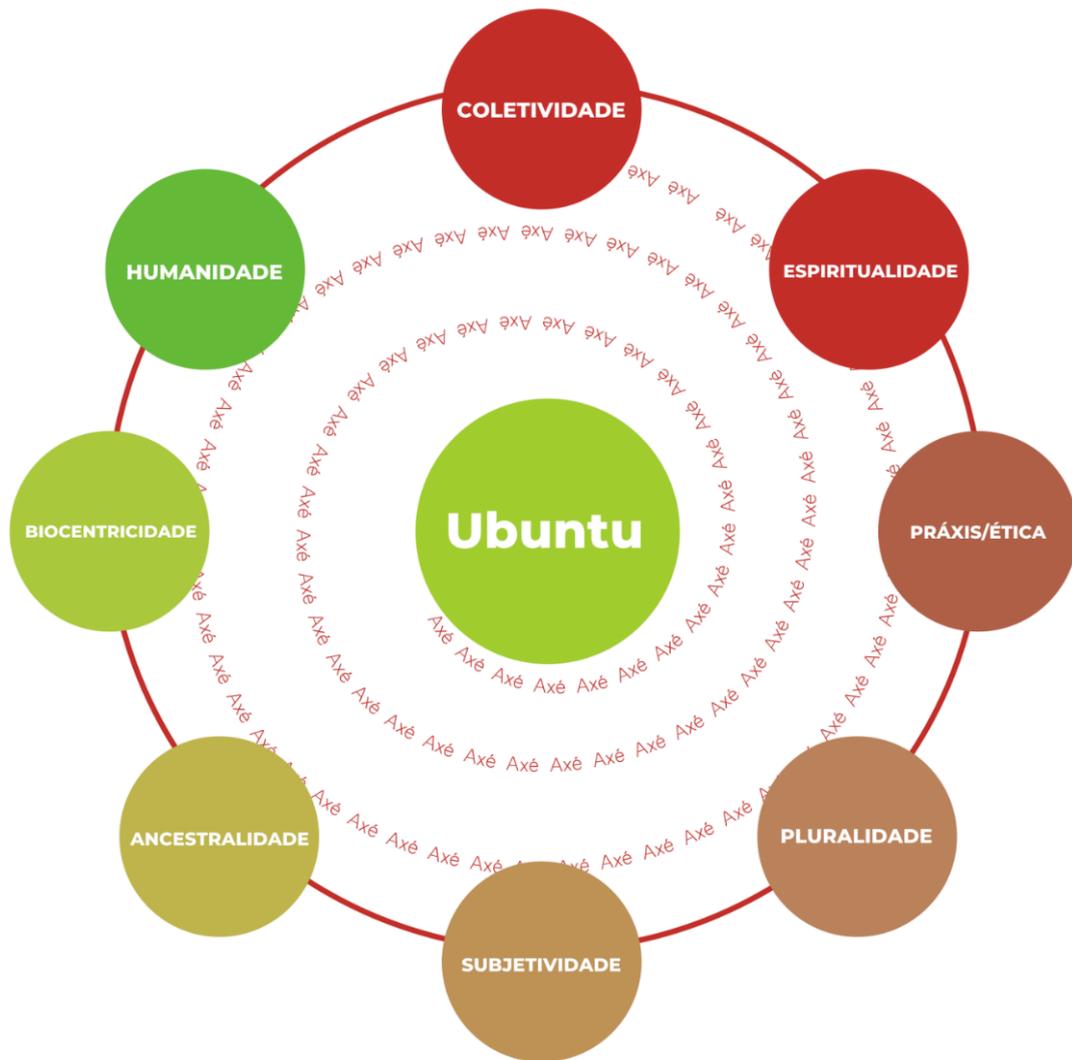
Toda essa interconexão do Xirê, assim como “Ubu” e “Ntu” se complementam e necessitam um do outro para existir, são mutuamente necessários para alimentar o Ubuntu que nos alimenta. Essa relação é dialogicamente necessária ao universo que funciona apenas coletivamente em todos os seus aspectos da existência, pois ninguém é humano sozinho e é nesse aspecto que se pode inferir que a filosofia africana do Ubuntu tem um papel fundamental

⁷ Elaborado durante a produção da tese “Ubuntu: ancestralidade e espiritualidade na perspectiva de uma filosofia africana”, apresentada no Programa de Pós-graduação de Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba sob a orientação da Professora. Dr^a. Dilaine Soares Sampaio.

na construção das subjetividades e estas podem alicerçar um caminho diferente do paradigma colonial eurocentrado fundamentado em disputas individuais e egoístas, construindo e ressignificando o sentido de humanidade para possibilitar uma rede de partilhas, pertencimentos e afetos, pois o Ubuntu se expressa na partilha, no acolhimento e se concretiza no afeto através do ukama: “ubuntu is expressed through ukama with other people whereby umuntu exhibits his or her humanness by acknowledging the presence of others through greetings⁸” (GRUCHY; KOOPMAN; STRIJBOS, 2008: 147). Sendo assim, tornar-se inteiramente humano significa cuidar de si mesmo, dos outros seres humanos e do mundo através da partilha e do afeto, cultivando o equilíbrio do cosmos através do axé que se mantém circulando na órbita do Ubuntu.

⁸ Ubuntu é expresso através do ukama com outras pessoas, pelo qual umuntu exhibe sua humanidade ao reconhecer a presença dos outros através de saudações (trad. Livre).

Figura 1: Diagrama da arquitetura do Ciclo do Ubuntu



Fonte: Diagrama elaborado pela autora

Conclusão

Pensar o Ser humano de modo holístico é compreender que as pessoas são plurais e, por isso o coletivo é diverso e se constitui como um pluriverso. Nessa perspectiva pluriversal a coletividade é ancestral e, sendo coletiva e ancestral, traz consigo as subjetividades e a espiritualidade que fundamentam a práxis que guia o coletivo no sentido do equilíbrio cósmico que movimenta o axé. Essa energia cósmica gira o xirê do Ubuntu no sentido da construção e da reconstrução da nossa humanidade, portanto, Ubuntu é pluriversal.

Ubuntu e Ukama acolhem, convidam, partilham de modo fraterno o alimento coletivamente. São indissociáveis, assim como Ubu-Ntu que conectam a ontologia e a epistemologia, por isso o Ubuntu, que é intrinsecamente ligado ao Ukama, apresenta-se como uma saída basilar para refundar a humanidade em nós, para "virar a chave" através de uma cosmopercepção de mundo que inclua fraternalmente e acolha pluriversalmente a tudo que existe como um grande ventre, um útero, no qual se possa gestar a humanidade entre os não-nascidos, e alimentar com as tetas da ancestralidade os filhos da diáspora revitalizando o Ser que o colonialismo escravocrata tentou sufocar.

Os aspectos eurocentrados incutidos nos períodos coloniais foram nefastos, no entanto, não conseguiram lograr êxito, apesar de ainda assombrar os dias atuais. Os afro-diaspóricos com suas subjetividades e em todas as encruzilhadas silenciadas pelo eurocentrismo sobreviveram através das resistências, reexistências e das epistemologias que refundaram sua ontologia, reencontrando-se com suas raízes e se conectando com sua ancestralidade. Foi assim que o Ubuntu sobreviveu por meio de cada pessoa que resistiu às agruras coloniais, transmitindo oralmente os saberes, a espiritualidade, o respeito a todas as formas de existir, sejam humanos ou não-humanos, vivos, mortos ou não-nascidos, fazendo girar a gira do xirê que fundamenta toda arquitetura do Ubuntu na qual a humanidade percebe sua pluralidade e ancestralidade.

Portanto a síntese do Ubuntu na perspectiva filosófica é a construção coletiva do humano que habita em cada um de nós! Em uma sociedade cada vez mais individualista e violenta, na qual se preza o "eu" em detrimento do "nós", a compreensão do Ubuntu, enquanto uma filosofia que abrange uma espiritualidade, uma ética ancestral que se estabelece coletivamente é, não apenas importante, como necessária para transformar e refundar as subjetividades individuais e

coletivas que fomentam a existência na perspectiva da pluralidade, da biocentricidade, da ancestralidade e da espiritualidade criando uma convergência coletiva e comunitária, excluindo as disputas individuais e egoístas, mantendo o equilíbrio cósmico e transformando socialmente o mundo em um lugar de partilha, afetos e humanidade a partir das subjetividades de cada Ser.

Referências Bibliográficas

- ALVES, M. C.; JESUS, J. P.; SCHOLZ, D (2015). *Paradigma da afrocentricidade e uma nova concepção de humanidade em saúde coletiva: reflexões sobre a relação entre saúde mental e racismo*. Revista Saúde Debate. Rio de Janeiro, V. 39, N. 106: 869-880, JUL. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/p9xtSXnTRfNXn4c8nFsRbpb/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 07 Jul. 2023.
- ASANTE, Molefi Kete (2009). *Afrocentricidade: Nota sobre uma posição disciplinar*. NASCIMENTO, Eliza Larkin (org.) *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, p 93-110.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli (2005). *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. Feusp, 2005. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em 29 Jan 2024.
- DAIBERT, Robert (2015). *A religião dos bantos: novas leituras sobre o calundu no Brasil colonial*. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v. 28, n. 55: 7-25. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/hgxBJQTRjZLHVHcF7Jpf4bw/?lang=pt#>. Acesso em 25 abril 2023.
- FOUCAULT, M. (2010). *História da sexualidade: A vontade de saber*. São Paulo: Edições Graal.
- GRUCHY, Steve de; KOOPMAN, Nico; STRIJBOS, S. (2008). *From Our Side: Emerging Perspectives on Development and Ethics. South Africa: Rozemberg Publishers*.
- JESUS, Raquel Araújo de (1983). Por uma disciplina de relações internacionais pós-abissal. In.: MARQUES et al. *A (re)estrutura da ordem internacional: um novo mundo em emergência e de emergências* (Dossiê SimpoRI 2021). São Paulo: Cadernos Cedec nº 132 nº 01. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ppgeei/wp-content/uploads/2022/06/A-Integracao-Sino-russa-Estrategias-Compartilhadas-Desafios-Comuns.pdf>. Acesso em 22 Ago 2023.
- KAKOZI, Jean Bosco (2018). Entrevista concedida a Marco Weissheimer. *Filosofia africana: a luta pela razão e uma cosmovisão para proteger todas as formas de vida*. 2018. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/05/filosofia-africana-a-luta-pela-razao-e-uma-cosmovisao-para-protger-todas-as-formas-de-vida/>. Acesso em 02 jan. 2019.
- KAKOZI, K, Jean Bosco (2019). *Ubuntu como crítica descolonial aos Direitos Humanos: uma visão cruzada contra o racismo*. Ensaio Filosóficos, v. 19. Disponível em:

- http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo19/02_KAKOZI_Ensaio_Filosoficos_Volume_XIX.pdf. Acesso em out. 2022
- KARENKA, Maulana. *A função e o futuro dos estudos Africanos: reflexões críticas sobre sua missão, seu significado e sua metodologia*. IN.: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- LE GRANGE, Lesley (2015). *Ubuntu/Botho como uma ecofilosofia e ecosofia*. Tradução para uso didático de LE GRANGE, Lesley. *Ubuntu/Botho as Ecophilosophy and Ecosophy*. *Journal of Human Ecology*, 49(3): 301-308., por Leonardo da Silva Barbosa. Disponível em: <http://docplayer.com.br/73578789-U-buntu-botho-como-uma-ecofilosofia-e-ecosofia.htm>. Acesso em: 01 de jun. 2022
- LOPES, Nei (2011). *Enciclopédia Brasileira da Diáspora africana*. 4 ed – São Paulo. Selo Negro.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antônio (2020). *Filosofias africanas: uma introdução*. 2 ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.
- MALOMALO, Bas'ilele (2019). *Filosofia africana do NTU e a defesa de direitos biocósmicos*. *Problemata: R. Intern. Fil.* V. 10. n. 2: 76. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49144/28609>. Acesso em 11 Abr. 2023
- MBEMBE, Achille (2020). *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- OYĒWŪMÍ, Oyèrónké (2021). *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Trad. wanderson flor do nascimento. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- PARÉS, Luis Nicolau (2006). *A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. Editora Unicamp.
- RAMOSE, Mogobe (1999). *African Philosophy through Ubuntu*. Harare: Mond Books. Trad. Para uso didático Arnaldo Vasconcelos. *A filosofia Ubuntu e Ubuntu como uma filosofia*. Disponível em <https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/texto16.pdf>. Acesso em Out. 2022
- RAMOSE, Mogobe (2011). *Sobre a legitimidade e o estudo da Filosofia Africana*. In: *Ensaio filosófico*, v. 4: 6-23. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2800957&forceview=1>. Acesso em 29 Jan 2024.
- ROSA JÚNIOR, Juracy de Arimatéia (2018). *Xirê troca, fluxo e circulação do axé como forma de manutenção da sociabilidade no candomblé*. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.
- SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz (2018). *A ciência encantada das macumbas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Morula.
- VASCONCELOS, Francisco Antônio de (2017). *Filosofia Ubuntu*. LOGEION: Filosofia da Informação. Rio de Janeiro. V. 3; n. 2. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiin/article/view/3841>. Acesso em: 11 nov. 2022.